

**Surge André Luiz. — Detalhes de «Missionários da Luz» e da Obra de André Luiz**

12 — 10 — 1946

“(...) Anotei, comovidamente, a alusão do Indalício, a que te referes. Também eu tenho sentido a falta dos romances de Emmanuel. Ao recebê-los, tenho a impressão de que não estou na Terra. Parece que me transferem de sede de trabalho.”

Assevera Allan Kardec: “Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhe as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.” (“A Gênese”, cap. XIV, item 14.)

O pensamento é força criadora. Ao influxo dessa força formam-se cenas, criam-se “quadros vivos”, voltam-se ao passado ou projeta-se no futuro, e, dependendo de sua carga emocional, são emitidas vibrações positivas ou negativas, boas ou más.

Chico, ao referir-se aos romances de Emmanuel, informa que ao recebê-los sente-se como que transportado para outro local, qual se não estivesse na Terra. O que ocorre é que Emmanuel, ao transmiti-los ao seu médium, fá-lo participar dos painéis mentais por ele criados. E seja porque Chico Xavier tenha já grandes conquistas espirituais e esteja convenientemente preparado, seja porque ele próprio fosse — no passado — participante dessas mesmas cenas, o fato é que Chico é de tal modo envolvido pelos acontecimentos (segundo suas próprias palavras em entrevistas dadas no decorrer dos anos), que se vê, muita vez, invadido por incrível emoção que o faz chorar copiosamente.

“Noto, contudo, que Emmanuel, desde fins de 1941, se dedica, afetuosa mente, aos trabalhos de André Luiz. Por essa época, disse-me ele a propósito de “algumas autoridades espirituais” que estavam desejosas de algo lançar em nosso meio, com objetivos de despertamento. Falou-me que projetavam trazer-nos páginas que nos dessem a conhecer aspectos da vida que nos espera no “outro lado”, e, desde então, onde me concentrasse, via sempre aquele “cavalheiro espiritual”, que depois se revelou por André Luiz, ao lado de Emmanuel. Assim decorreram quase dois anos, antes do “Nosso Lar”.”

Supervisionando a produção mediúnica de Chico Xavier, é natural que Emmanuel se dedique com afeto, empenho e zelo ao trabalho que André Luiz estaria prestes a iniciar.

No final do ano de 1941, o Mentor de Chico Xavier científica-o que "algumas autoridades espirituais" desejam realizar um trabalho de despertamento, de conscientização, através de páginas que falem da realidade da vida espiritual. E, logo depois, Chico vê a seu lado um novo amigo. É André Luiz que se aproxima do médium, em companhia de Emmanuel.

*"Dentro de algum tempo, familiarizei-me com esse novo amigo. Participava de nossas preces, perdia tempo comigo, conversando. Contava-me histórias interessantes e muitas vezes relacionou recordações do Segundo Império, o que me faz acreditar tenha sido ele, André Luiz, também personalidade da época referida. Achava estranho o cuidado dele, o interesse e a estima; entretanto, decorrido algum tempo, disse-me Emmanuel que estava o companheiro treinando para se desincumbir de tarefa projetada e, de fato, em 1943, iniciava o trabalho com "Nosso Lar"."*

André Luiz não vem como um curioso ou um estranho. Não vem sozinho, por ele mesmo. Vem à presença de Chico Xavier trazido por Emmanuel, evidentemente dentro da programação prevista para o médium.

Todas as precauções são tomadas. A tarefa não se inicia de imediato. O trabalho que ambos vão realizar não é um trabalho comum de psicografia. Não se realiza como os anteriores e nem como aqueles que viriam depois. Não se trata agora de páginas confortadoras, poéticas ou romanceadas. O labor que vão iniciar reveste-se de características especiais e exige de ambos a melhor identificação possível. Para maior afiniação, André Luiz acompanha o médium em todas as suas tarefas e se demora em conversações. Não há pressa. Todos estão cônscios de suas responsabilidades, e Chico aguarda que

André Luiz esteja pronto. Este, segundo esclarece Emmanuel, está treinando para o trabalho, e só em 1943 dá início ao seu primeiro livro — "Nosso Lar".

*"Desde então, vejo que o esforço de Emmanuel e de outros amigos nossos concentrou-se nele, acreditando, intimamente, que André Luiz está representando um círculo talvez vasto de entidades superiores. Assim digo porque quando estava psicografando o "Missionários da Luz", houve um dia em que o trabalho se interrompeu. Levou vários dias parado. Depois, informou-me Emmanuel, quando o trabalho teve reinício, que haviam sido realizadas algumas reuniões para o exame de certas teses que André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não no livro. Em psicografando o capítulo Reencarnaçao, do mesmo trabalho, por mais de uma vez, vi Emmanuel e Bezerra de Menezes, associados ao autor, fiscalizando ou amparando o trabalho."*

Esse trecho revela a importância da tarefa encetada por André Luiz. Evidencia que este não escreve por si próprio. É antes um representante de "autoridades superiores". É o médium. O porta-voz. Em toda a obra ele surge como o repórter, que dá notícias de tudo o que se passa. Quando há dúvidas, ele pára a tarefa e aguarda a orientação superior. Isso nos leva a depreender que tudo quanto foi trazido por André Luiz recebeu a necessária autorização da Espiritualidade Maior. O próprio Emmanuel informa ao médium, quando o trabalho da psicografia de "Missionários da Luz" fica interrompido, que foram realizadas — no plano espiritual — algumas reuniões "para o exame de certas teses que André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não no livro".

Obviamente, a escolha não pertence a André Luiz. Ele segue a orientação de autoridades espirituais. E tem

o seu trabalho diretamente fiscalizado e amparado por Emmanuel e Bezerra de Menezes.

Atualmente, já se diz que a contribuição de André Luiz não teria sido absorvida pelo meio espírita. Sobre isto Chico Xavier tece comentários, no livro "Encontros no Tempo" (IDE, 2º ed.), respondendo a pergunta alusiva.

A obra desse autor espiritual, especialmente aquela denominada "Coleção André Luiz", é realmente notável pela riqueza de seu conteúdo, constituindo-se em material de estudos para muitos decênios ainda. Muitas das suas revelações aguardam que o tempo e o amadurecimento dos espíritas venham a confirmá-las.

*"Esta é a razão pela qual, segundo creio, não tem o nosso amigo trazido a sua contribuição direta. Isto é o que eu acredito, sem saber se está certo, porque no meio destas realizações eu estou como "um batráquio na festa". A luz que, por vezes, me rodeia me amedrona. Vejo, ouço, e me movimento, no círculo destes trabalhos, mas, podes crer, vivo sempre com a angústia de quem se sente indigno e incapaz. Cada dia que passa, mais observo que a luz é luz e que a minha sombra é sombra. Reconhecendo a minha indigência, tenho medo de tantas responsabilidades e rogo a Jesus me socorra."*

Diante desse texto ficamos a refletir na simplicidade e autenticidade do nosso Chico. Quase quarenta anos depois vêm a público essas impressões pessoais do médium. Ele não sai, àquela época e nos anos seguintes, alardeando elevação do trabalho que estava realizando. Não faz descrições e nem procura atrair para si a admiração geral. Discreto, simples, humilde, deixa que a própria obra fale por si.

Se Chico Xavier estivesse à cata de elogios e glórias humanas, bastaria fazer alarde de seus dotes mediúnicos.

A maioria desses detalhes só agora chega ao nosso conhecimento. O fato de terem ficado profundamente velados dá-nos a medida da discrição, do zelo e cuidado com que Chico sempre encarou o seu labor mediúnico. Mas, sobretudo, nos traz uma segurança muito grande quanto à sua autenticidade. Tivesse ele apregoado todas as minúcias, todos os pormenores relacionados com as precauções adotadas pela Espiritualidade Maior e algumas — apenas algumas — das condições em que ocorreram, talvez hoje, já algo esmaecidas pelo tempo e pelo consumo, perdessem a força de que atualmente se acham revestidas.

Todas as revelações de Chico Xavier em relação à obra de André Luiz levam-nos a uma série de reflexões.

Por que razão Emmanuel não escreveu, ele mesmo, tais livros? Ou Bezerra de Menezes, que foi médico na Terra? Quais os motivos que teriam levado à escolha de André Luiz? Quais os critérios adotados para essa escolha? A verdade é que houve atenta, meticulosa e completa preparação.

André Luiz foi o escolhido para transmitir os novos ensinamentos. E o fez, absolutamente de acordo com a orientação segura e sábia de Emmanuel e Bezerra. E ambos trabalhando de conformidade com altas autoridades espirituais.

A forma da narrativa foi planejada, visando facilitar o entendimento. André Luiz corporifica o aprendiz, que se torna, depois, em repórter da vida além-túmulo. Conta as suas próprias experiências ou, quem sabe, um conjunto de outras experiências, que ele, como um recurso de escritor, as transforma em suas, sem que isto invalide em nada a força do seu discurso ou a sua autenticidade.

Se ele fosse um iniciante em Doutrina Espírita, nem por isso haveria o perigo de prejudicar o trabalho, já que ele era ali, também ele, MÉDIUM de outros Espíritos mais elevados. Se se deixasse empolgar, teria Emmanuel

e Bezerra ao seu lado, vigilantes. André sabe que as novas a serem lançadas no meio dos encarnados têm que ser dosadas e viriam progressivamente. Quando escreve "Nosso Lar" tem um prazo e um limite dos assuntos, previamente estipulados. Outros livros viriam e cada um trataria de aspectos específicos.

Muitas são as dificuldades que ele vai enfrentar. Está cônscio de que não será fácil falar aos homens, revestidos da matéria física, das realidades do plano espiritual. Precisará adotar terminologia que expresse essa realidade e, muitas vezes, em seus livros, encontramos o autor a lutar contra a falta de termos adequados, ora escolhendo palavras, ora fazendo comparações, na tentativa, enfim, de traduzir em nossa pobre linguagem toda a grandeza e complexidade da Vida Verdadeira que estua no Universo. Ele tenta, e consegue, o melhor que pode, expressar na estreiteza da linguagem humana toda a magnífica visão da continuidade da Vida e da luta ingente do homem em sua escalada evolutiva.

Que de dificuldades e problemas ele e seus mentores encontram para efetivar o empreendimento. Na transmissão dos informes, como devem tê-los atenuado, amenizado e contornado! Yvonne A. Pereira disse certa vez, em uma de suas obras ("Devassando o Invisível", ed. FEB), que o médium não revela, não diz e não transmite tudo o que vê ou capta dos planos espirituais, que o médium deve silenciar sobre as suas mais belas visões, para não ser tachado de mentiroso. Isso é uma grande verdade. Mas, em relação aos Benfeiteiros Espirituais, podemos imaginar a mesma coisa. Quanto devem eles atenuar e contornar no momento de transmitirem as notícias do mundo extra-físico! Ainda assim os homens se negam a admitir, a aceitar muitas dessas realidades. É muito mais cômodo ajustá-los à nossa egoística e tacanha visão, pois elas nos incomodam, sacudindo-nos do marasmo a que nos vicia-

mos. É-nos conveniente permanecer adormentados, ignorantes de uma realidade que entremostra o tão temido encontro com a verdade.

A Misericórdia Divina tem propiciado à Humanidade, em todas as épocas, os conhecimentos compatíveis com o seu estágio evolutivo. "Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. Eles não enfrentam as questões, senão à medida que os princípios sobre que hajam de apoiar-se estejam suficientemente elaborados e amadurecida bastante a opinião para os assimilar. É mesmo de notar-se que, de todas as vezes que os centros particulares têm querido tratar de questões prematuras, não obtiveram mais do que respostas contraditórias, nada conclucentes. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensino se generaliza e se unifica na quase universalidade dos centros." (Allan Kardec — "A Gênese", cap. I, item 54.)

Chico externa a sua opinião quanto ao trabalho de André Luiz, mas arremata dizendo não saber ao certo. Entretanto, podemos afirmar, sem medo de errar, que ele tem certeza do que diz. A sua natural humildade é que o leva a colocar como incerta a própria opinião.

Raciocinemos, porém, para uma conclusão.

Um médium que esteja apto ao trabalho da mediunidade, que conheça a Doutrina e a estude com regularidade, que tenha alguns anos de prática mediúnica, que trabalhe com devotamento e amor, esse médium, mesmo sem ser um missionário, tem condições de perceber, no instante das comunicações, as circunstâncias espirituais que as envolvem. Assim, por exemplo, quando da comunicação de um obsessor, revoltado e enraivecido, ele sente, vê ou capta a sua figura atormentada, os clichês mentais que exterioriza e sabe, inclusive, se o que ele fala é sin-

cero ou se ele esconde e disfarça a sua real intenção. O que não quer dizer — que fique bem claro — que se está proclamando a sua infalibilidade. Mas ele têm todas as possibilidades de captar tudo isso. E até mais, conforme o estágio de sua mediunidade. O mesmo ocorre quando da comunicação de um Benfeitor Espiritual. Mesmo que o médium seja inconsciente, ele vai registrar as suas impressões quanto às vibrações que o envolvem, se são elevadas, equilibradas ou não.

Tal acontece com os médiuns da craveira comum. Vamos transpor essa realidade para o médium Chico Xavier. É muito fácil deduzir que todas essas percepções mencionadas, em relação a ele deixam de ser simples percepções para serem certezas, porque, como é do conhecimento geral, Chico vê e fala com os Espíritos como se estes pertencessem ao plano material. Vive ele entre os dois mundos, o físico e o espiritual. Isto sem falar na natureza da sua missão, nos preparativos que antecederam à sua reencarnação e na assessoria de Emmanuel. Sendo assim, infere-se que ao externar a sua opinião sobre André Luiz e a obra deste, ele tem certeza do que diz, mas, modestamente, se coloca como quem ainda está tateando, porque, na realidade, ele se sente dessa maneira. Daí a razão de suas palavras: "Isto é o que eu acredito, sem saber se está certo, porque no meio destas realizações eu estou como um "batráquio na festa"."

Mas, a explicação final desse seu posicionamento deve ser encontrada no trecho em que ele afirma: "A luz que, por vezes, me rodeia me amedronta. Vejo, ouço e me movimento, no círculo destes trabalhos, mas, podes crer, vivo sempre com a angústia de quem se sente indigno e incapaz. Cada dia que passa, mais observo que a luz é luz e que a minha sombra é sombra. Reconhecendo a minha indigência, tenho medo de tantas responsabilidades e rogo a Jesus me socorra."

Esta conclusão do médium nos dá uma idéia do ambiente que o rodeava enquanto estava psicografando a Série de André Luiz.

Há necessidade de dizer mais?

\*

*"Perdoa-me estas referências tão longas. Senti grande contentamento ao saber que teremos, em breve, novo romance das faculdades de nossa distinta irmã Zilda Gama. Aguardo-te as impressões quando fizeres a primeira leitura."*

(...) Estimaria poder cooperar materialmente na publicação desses trabalhos dedicados à infância, reconhecendo quão pesados são já os encargos da Federação e da Livraria, mas, se não posso fazê-lo agora, tenho confiança no futuro. Aliás, falei disso com o Ismael, quando ele esteve comigo neste ano. Agradeço muito o carinho que consagraste ao assunto.

(...) Leopoldo Machado seguiu para o Norte Mineiro, mas não pude vê-lo. O serviço não me permitiu.

Poderás desculpar-me esta "carta-tratado"? Espero que sim. Aqui, graças a Deus, tudo ocorre bem. Peço ao Alto para que o mesmo se dê contigo."

Entre os assuntos variados destacamos o comentário de Chico externando o desejo de um dia poder cooperar materialmente com a FEB, na publicação dos livros. Ao lado deste trecho, Wantuil escreveu a lápis: "E realmente o futuro lhe deu ensejo de contribuir materialmente, desistindo do legado de Figner." Alguns meses depois dessa carta, Chico realizaria o seu desejo, como veremos mais adiante.